

Notas sobre gestos insípidos em *Mínimos, múltiplos, comuns*, de João Gilberto Noll

Notes regarding insipid gestures in João Gilberto Noll's *Mínimos, múltiplos, comuns*

Luiz Gonzaga Marchezan

UNESP/FAPESP, Brasil
lgmarchezan@uol.com.br

Palavras-chave: Literatura brasileira, conto, hipotexto, intertextualidade.
Keywords: Brazilian literature, short story, hypotext, intertextuality.

Mínimos, múltiplos, comuns é o produto resultante de uma iniciativa da *Folha de S Paulo*, nos idos de 1997, em que o jornal, estrategicamente, posicionou-se, a partir de algumas de suas sessões, como uma plataforma interativa de leitura, proporcionando ao assinante interagir com diversas modalidades de linguagem. Diante disso, a partir de 1997 e por mais de três anos, editou, no seu caderno *Ilustrada*, ao lado da coluna de Horóscopo, outra com microcontos mediante a colaboração de três autores que se revezaram entre os dias da semana na publicação de narrativas no limite de até 130 palavras. Os assuntos desses pequenos contos, de maneira notável, frequentemente tocaram na questão do destino, centro das atenções do Horóscopo. Quis a *Folha* que os escritores contratados trabalhassem, naqueles limites para as narrativas, com “instantes ficcionais”¹. João Gilberto Noll foi um dos autores selecionados como substituto de Heloísa Seixas, que deixou, depois de ano, sua colaboração com o jornal. Curioso notar que Heloísa Seixas nomeou seus contos, enquanto na *Folha*, *Contos mínimos* e, uma vez em livro: *Contos mais que mínimos*. João Gilberto Noll intitulou separadamente cada pequeno conto seu, em suas 338 colaborações, publicando-os posteriormente no volume *Mínimos, múltiplos, comuns*. O autor, parece-nos, gostou do denominador presente no título do livro de Heloísa Seixas, localizando-o no seu nascedouro, ao recuperar o conceito da matemática que ele integra, quando da publicação do seu volume de microcontos pela Editora Francis.

João Gilberto Noll, ao iniciar sua colaboração no jornal, pronunciou-se: “Eu quero ter o direito também de fazer pequenas liturgias, pequenos momentos

¹ Decia, P. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq24089814.htm>>.

de elevação a partir do barro da história. Não acho que o homem seja anjo, mas é bom a gente exercitar esse desejo de superação, de transcendência”². A edição dos 338 contos em volume encontra-se ordenada conforme um ideário que o autor manteve por mais de três anos da sua colaboração semanal e para isso contou com o trabalho do crítico Wagner Carelli. No prefácio do livro, observou Wagner Carelli (2003, p. 19): “Noll estabelece uma olaria simbólica; trabalha e modela o barro do intuído para então juntar, literal e literariamente, seus tijolos na construção da consciência”. Depois, ponderou: “Os relatos de *Mínimos, múltiplos, comuns* fazem uso exclusivo da palavra lavrada como arquétipo [...]” (Carelli, 2003, p. 20). Fez-se emblemática a avaliação do crítico e co-organizador do volume: “O Mundo em que vivem essas criaturas tem uma Geografia, onde pela primeira vez os lugares são nomeados, em Horizontes ante os quais as criaturas se opõem contemplativas, tem uma flora, com Plantas a contracenar como protagonistas; tem Reflexos espetaculares e fotográficos que o reproduzem; e tem um Sistema aqui muito específico – de serviços. O Retorno é entrópico, o fim do universo e a volta à origem que a desmemória perdeu, está expresso nos Mortos e, enfim, nos Deuses” (Carelli, 2003, p. 21). O livro, quando lançado, recebeu, em 2004, o Prêmio ABL para ficção, o Jabuti de capa, além de selecionado para o prêmio Categoria Contos, tudo, no mesmo ano.

Os microcontos de *Mínimos, múltiplos, comuns*, de João Gilberto Noll, reúnem situações em que as personagens – desmemoriadas, letárgicas – se apresentam em condições sombrias, vivendo uma distopia, a vagar num tempo rude e distante, como o tempo bíblico dos primeiros dois volumes do *Antigo Testamento*, o que visivelmente lemos prefigurado nas palavras do co-organizador do volume *Mínimos, múltiplos, comuns*.

O *Gênesis* e o *Êxodus*, como reconhecemos, são textos fundadores da *Bíblia* e expõem cosmogonias no curso de contos que atualizam: genealogias, constituições de patriarcados e progenituras, alianças, submissões e insubmissões mediante determinadas uniões que direcionam o povoamento do mundo. As revelações aproximam os microcontos dos dois volumes bíblicos: constituem-se em cenários onde, por meio de epifanias, luz e sombra se alternam na consecução de sinais reveladores. *Êxodus*, de maneira mais elaborada, por meio de epifanias – sinais e conversações, traz a idéia de recomeço: passagens de uma situação disfórica para outra, eufórica, que atualizam pactos, emancipações, autodefinições.

Há, entre os textos bíblicos iniciais e os das pequenas narrativas do ficcionista, enunciações de enigmas. Os enigmas motivam os enunciados que representam partes da criatura ligadas às forças primitivas da natureza que a dificultam integrar-se ao mundo humano, mostrando-a, assim, sobressaltada e num cenário de pouca luz. Daí, as histórias de sucessivas crises entre o homem, sua natureza e a necessidade de superações, então, representadas por meio de mediações, sinais, revelações, que os textos ficcionais retomam sem dispensarem o bíblico e as técnicas da imaginação.

Os nós convergentes entre *Mínimos, múltiplos, comum* e o *Êxodus*, em meio aos contrastes de luz e sombra, estão nos embates entre o vivido e o que transcende

² Decia, P. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq24089814.htm>>.

a natureza física das coisas, representados pelos papéis dos protagonistas dos microcontos em consonância com figuras bíblicas, no modo como movimentam-se de maneira impulsiva, delirante, no âmbito de sentimentos de exclusão, anonimato, solidão, para, depois, acalmarem-se quando refeitos diante das epifanias. Aqueles nós convergentes, limitados no tempo e no espaço dos microcontos, movem, em instantes ficcionais, desejos, vontades, submissões e insubmissões.

Mínimo, múltiplo, comum, título do volume, lembra-nos diretamente um conceito da Matemática que operacionaliza e equaciona somas ou frações de diferentes denominadores. O título do livro de João Gilberto Noll, no entanto, ao dividir com vírgulas o conceito da Matemática, aponta-nos, com ênfase, a partir da nova pontuação dada ao conceito matemático, uma perda de coeficientes entre números, intitulando uma situação de assunto ficcional: contos de cálculos impossíveis entre números representados como inteiros e transcendentais, aqueles que não contam com coeficientes racionais. Números inteiros transcendentais, em instantes ficcionais, representam complexos significativos próprios, suficientes em si mesmos, expandidos em narrativas a partir dos dois primeiros textos bíblicos. Tais complexos significativos próprios expandidos envolvem-se, em nós convergentes, com o bíblico, no modo como as pequenas narrativas abrangem sequências implicadas com a cronologia da criação, conforme os dois primeiros textos do *Antigo Testamento* e a partir do exposto no prefácio de Wagner Carelli.

A Matemática e a Bíblia posicionam-se, com diferenças, diante da fronteira entre a realidade física e da espiritualidade. Contamos, mesmo assim, no fronteiro, com indicadores de experiências que nos provocam reflexões. A Matemática tem medida para a realidade do mundo físico; constrói, mediante a sequenciação do conhecimento, modelos de entendimento do mundo que a experiência não sabe materializar. O texto de *Êxodus* traz-nos a presença de Deus como um fato de experiência, algo dado e transcendente, não como resultado de dedução, de um cálculo. Ante tal região de fronteira, percebemo-nos solitários, frágeis, próximos ao risco da queda.

O contexto entre as narrativas ficcional e bíblica, se comparado, representa, por meio de textos exaltados, papéis que localizam protagonistas diante de uma ausência de experiência partilhável. Tais situações narrativas situam-se como lugares de testemunhos das errâncias de seus protagonistas, de homens em queda, inseguros, à procura do conhecimento.

Mínimos, múltiplos, comuns, o título do volume de João Gilberto Noll, reúne contos mínimos, breves, compactos, com sentidos crescentes, indomáveis, no âmbito de situações comuns. Na Matemática, a idéia de comum significa o que se aplica, atribui, confere a dois ou mais números.

Os protagonistas dos textos bíblico e literário encontram dificuldades em comunicar realidades mentais, espirituais com as quais se identificam e que os transcendem; formulá-las e vencerem o indivisível, mediar o que os transcendem colocam-lhes tarefas com provas difíceis.

Os instantes ficcionais de João Gilberto Noll encontram-se ordenados em hipotextos sedimentados pela interdiscursividade que incorpora percursos temáticos e ou figurativos, valores do discurso bíblico. O discurso do hipotexto é pontual, momentâneo, de fato, em instantes ficcionais, no caso, em unidades

temáticas bíblicas que reúnem o modo com que os protagonistas tomam decisões diante de pequenas revelações. Tais instantes encenam números que denominamos, conforme a Matemática, inteiros e transcendentais. O termo conto tem sua origem etimológica no vocábulo latino, substantivo, computus, com os sentidos de uma conta, um cálculo, um cômputo, um número e que ganhará o sentido de contar, narrar.

Diante disso, queremos analisar a imaginação criativa de João Gilberto Noll por meio de dois microcontos: *Piloto da madrugada* e *Tecido penumbroso*.

Piloto da madrugada

Manchas comiam feições, cinturas, pétalas. O amarelado se sobrepunha a tudo como se latejando um chamamento obscuro ... Indeciso ... Ali, entre os guardados que eu herdara sem saber exatamente de que mortos. Insone, resolvi afixar a foto no espelho do banheiro. Então me barbeei escutando a previsão de chuva. O retrato indecifrável parecia esconder um conteúdo ancestral perfeito para a minha sequência biográfica. Quando testei o quepe de piloto, vi que nas próximas horas a minha cabeça não se ocuparia de mais nada além do meu primeiro voo. (Noll, 2003, p. 430)

Tecido penumbroso

Como posso sofrer porque as coisas pararam? Elas andavam tão estouvadas! Por que não deixá-las dormir agora um pouco? Tudo se aquietou, é noite, o mundo vive pra dentro, cegando-se ao sol do sonho. Preciso um pouco desse conteúdo inóspito, ermo como um quase-nada. Não, não é morte, é uma espécie de lacuna essencial, sem a aparência eterna do mármore ou, por outro lado, sem as inscrições carcomidas. Pode-se respirar também na contravida. Depois então a gente volta para o velho ritmo; aí já não nos reconheceremos ao espelho explícito, tamanha a qualidade desse tecido penumbroso que provamos. (Noll, 2003, p. 29)

Nos dois pequenos contos acima, João Gilberto Noll enumera um aglomerado de mistérios, aproximando nossos olhos de imagens interrogativas.

Começamos por observar a questão do espelho no primeiro conto, onde tal figura bem transparece como o lugar, o espaço de si mesmo; espaço reflexivo, lugar de essência e aparência, de intimidade. Mostra-nos o espelho como e o que somos para nós diante dos outros; como nos vemos e para os outros. Aproximamo-nos, assim, mais, de nossas origens, identidades. O espelho dá-nos respostas, espelha-as, tira do nada algo em si; isola a distância fenomenológica entre nós e as coisas do mundo. No caso, afixada ao espelho, temos uma foto – familiar, de uma genealogia, de um parente do protagonista, que a observa ao mesmo tempo em que, vendo-a, vendo-se, barbeia-se.

O piloto, protagonista, na sua solidão, em solilóquios, diante de sinais latentes a partir de imagens no espelho, aponta-nos para uma cifra. Precisamos decifrá-la. Temos uma personagem barbeando-se diante do espelho entre uma foto e, agora, o céu; sua casa e o universo. A foto do ancestral, velha, já sem nitidez, imprecisa, afixada no espelho, retrata um indivíduo até a cintura, numa pose, e aponta imagem de um ente familiar morto. Diante do espelho, vivo, um piloto estreante, que procura, insone, acalmar-se, fazendo tais observações e ouvindo a previsão de um tempo chuvoso. O piloto vê os ancestrais, num retrato indeci-

frável e procura firmar-se, decifrar-se enquanto se apronta para pilotar. A foto é uma pose, antiga, quase indecifrável; uma imagem eternizada em pose, uma imagem única, referencial. Uma vez no espelho, trazida pelo piloto, ela ganha o valor de um flagrante, num momento revelador, que mostra e esconde; mostra ente familiar desaparecido, corpo desprovido de vigor e espelha o piloto, empurra-o, a partir das origens do falecido, parente seu, para uma decisão, um desafio, nos moldes de uma epifania literária, poética. Temos no protagonista um indivíduo submetido a riscos, sujeito a riscos e à procura de uma decisão, no entanto, diante das imprecisões da espera; o estado durativo de uma espera, uma angústia, uma vontade submetida a uma espera, outra gradação, como a presente na granulação do sépia amarelado da foto, situação já vencida.

O movimento das imagens do primeiro conto cede para a quietude do segundo, ao lado de uma falta mais intensa de luz. Temos, ainda, na comparação entre os dois, penumbra, sua gradação na transposição entre luz e sombra, compondo-se, noutro solilóquio, com um ambiente novamente solitário, para uma noite e sonhos. Trata-se também de um estranhamento mais forte o vivido pelo protagonista de *Tecido penumbroso*, noutra pequena tragédia pessoal desesperada e sem itinerância. No entanto, há, da parte do protagonista, diante do inóspito vivido, uma necessidade de recolhimento, de pensar algo sólido, como pedra, mármore, de outros ritmos. Ele precisa identificar-se; necessita de outros espelhamentos, de outras provas e vencer o penumbroso.

O narrador e protagonista de João Gilberto Noll, ao narrar o vivido, realiza, com suas observações – características do narrador em terceira pessoa, o fazer receptivo e interpretativo que recaem sobre os percursos temático e figurativo da narrativa e, assim, realiza, com saberes mínimos, incluídos os interdiscursivos, uma exposição consciente de sua pouca experiência.

Teremos, desse modo, ainda, cenas postas diante de outras, pressupostas, que contrapõem situações de imprecisão com outras, de maior precisão, em que vemos, nos solilóquios de um sujeito frágil, seu difícil entendimento do mundo, em mediá-lo. Tal dificuldade do sujeito, como a presente em *Tecido penumbroso*, resulta, para um texto já reduzido, numa prosa híbrida, elíptica com múltiplas imagens. As imagens, como bem percebemos, nos dois textos analisados, trazem afinidades, fazem-se dialógicas, suscitam tramas imagéticas.

Nos dois contos percebemos, com maior ou menor evidência, um jogo entre cenas literárias. Entre elas, situações de imprecisões diante de revelações e, no curso de tais momentos reveladores, as submissões de vontades de sujeitos frágeis, solitários, em solilóquios que representam sempre seu difícil entendimento do mundo.

O estilo de João Gilberto Noll é vigoroso, excessivo; sua narrativa busca motivos crescentes por meio de situações diferentes e diferentes significados, o que intensifica a mensagem narrativa. Para isso, João Gilberto Noll tem os cálculos linguísticos do significado para o cômputo do conto; por isso trabalha com imagens significantes, que narram situações transcendentais, como inteiros transcendentais, sem expoentes visíveis em seus graus de potência.

A utilização por João Gilberto Noll da palavra como um arquétipo, no modo do trabalho de um oleiro, conforme nota de Wagner Carelli em prefácio, faz com

que o autor aproxime-se, com simulacros, de paradigmas bíblicos e traduza situações exemplares, originais, essenciais, as transcendentais, epifânicas para uma realidade vivida e compartilhada pelo leitor.

Os instantes ficcionais de João Gilberto Noll representam, assim, idéias transcendentais, expandidas a partir de questões fundacionais localizadas nos dois livros iniciais do *Antigo Testamento*. Tais interrogações situam-se no curso dos deslocamentos espaciais das personagens bíblicas em viagens, ao vagarem, pelo mundo, em movimentos impulsivos pelos espaços. Assim, conforme lemos em tais ocorrências, ao mesmo tempo em que vagam, mais precisamente conforme o livro *Êxodus*, deparam-se com aparições que, no curso das viagens, acrescentam-lhes experiências, apontam-lhes saídas por emancipações, autodefinições, pactos, julgamentos, mediante, muitas vezes, dificuldades com a comunicação dos horizontes revelados.

Em dadas disposições, as implicações presentes em *Êxodus* mostram-se motivadas de maneira homóloga às das idéias transcendentais ficcionais nos dois contos estudados, uma vez que seus protagonistas buscam saídas, emancipações, no caso, como as situadas nos instantes em que os protagonistas dos contos encontram-se diante de seus rostos refletidos em espelhos, em busca de uma definição para suas vidas.

As pequenas narrativas em que se dão tais instantes ficcionais, dada a forma literária compactada do microconto, diluem seus índices referenciais, optando por reunirem imagens que as aproximam do insólito, numa prosa, no entanto, ainda associada com atitudes dos protagonistas bíblicos em busca de quietude, paz interior, calma.

Conforme pensamento de Haroldo de Campos (2006, p. 47):

Uma lógica conscientemente organizadora não é independente da obra, mas contribui para criá-la, está ligada a ela em um círculo reversível: pois é a necessidade de precisar o que se quer chegar a exprimir que traz a evolução da técnica; esta reforça a imaginação que se projeta; então, para o não percebido, e assim, em um perpétuo jogo de espelhos, se processa a criação; organização viva e vivida, fazendo possíveis todas as aquisições, enriquecendo-as a cada nova experiência, completando-se, modificando-se, mudando mesmo de acentuação.

João Gilberto Noll, em seus microcontos, conforme declarações suas e compreendidas no prefácio do crítico Wagner Carelli, aproxima de maneira muito assimilável a falta de experiência partilhável dos seus protagonistas com as dos protagonistas bíblicos, num texto em fúria e com alta densidade. Nos seus microcontos, a voz única da personagem e narrador, a partir de uma falação incessante, teatral, manifesta-se a fim de incorporar o que para ela ainda não tem corpo, definição, em meio às atitudes desarvoradas já tomadas, que, no momento, superados os excessos, buscam uma iluminação.

Referências bibliográficas

Campos, A. et al. (2006). *Teoria da poesia concreta. Textos críticos e manifestos*. 1950/1960. São Paulo, Ateliê.

- Carelli, W. (2003). Um painel minimalista da Criação. In J. G. Noll. *Mínimos, múltiplos, comuns* (pp. 19-22). São Paulo: Francis.
- Carelli, W. (2003). Sobre a lógica essencial da edição. In J. G. Noll. *Mínimos, múltiplos, comuns* (p. 23). São Paulo: Francis.
- Decia, P. (1998, 24). João Gilberto Noll estréia hoje coluna “Relâmpagos”. *Folha de S Paulo, Ilustrada*, Coluna Literatura, 1.
- Noll, J. G. (2003). *Mínimos, múltiplos, comuns*. São Paulo: Francis.

Resumo

Os microcontos de *Mínimos, múltiplos, comuns*, de João Gilberto Noll (2003), reúnem situações em que as personagens – desmemoriadas, letárgicas – se apresentam em condições sombrias, vivendo uma distopia, a vagar num tempo rude e distante, como o tempo bíblico dos primeiros dois volumes do *Antigo Testamento*.

Abstract

The micro short stories of João Gilberto Noll's *Mínimos, múltiplos, comuns* compile situations in which the amnesiac, lethargic characters present themselves in somber conditions, living a dystopia, wandering in a rude and distant time like the biblical time of the first two books of the *Old Testament*.